

URBANIDADE: A CIDADE E A UTOPIA DA MÁXIMA INTERAÇÃO

- O ideal da máxima interação da diversidade humana (uma combinação de densidade e diversidade) é uma "aposta" no potencial produtivo de transformações sociais profundas advindas daí. Essa possibilidade encontra nas cidades o *locus* de sua realização principal, realização que dependerá do teor de URBANIDADE das cidades. Nesse sentido a ideia de urbanidade representa uma ocorrência e um ideal, um regime, um modo de vida social e de postura filosófica de vida. Um modo de vida que investe nas relações, nas interações, na força dos procedimentos, na força do mundo vivido, da razão comunicativa como objetivos e não apenas como meios. Quanto mais a urbanidade se consolida nas espacialidades dos diversos atores sociais, mais as posturas antiurbanas (antissociais) serão inibidas.
- Em termos teóricos a urbanidade pode ser definida como o indicador do estado específico da organização dos habitantes e dos objetos no interior de uma situação urbana dada. A urbanidade é tanto o resultado de um estado de coisas, de um funcionamento, quanto um operador da organização e de seu funcionamento.
- Admitindo-se (por força da evidência avassaladora) a cidade como espaço interacional, com grande potencial comunicativo, a cidade ideal é a que tem uma urbanidade máxima. Outros elementos do sistema urbano¹ também podem ter sua urbanidade medida, embora já se saiba de antemão que terão necessariamente uma urbanidade mais baixa que qualquer cidade, mas podem vê-la aumentada conforme as articulações espaciais. A cidade é o máximo (o núcleo, o elemento principal) do sistema urbano. É o urbano em sua condição superior.
- Uma grande urbanidade foi frequentemente identificada ao centro tradicional da cidade (daí a ideia de centralidade), mas isso não faz mais sentido em nossos dias em razão do próprio tamanho das cidades contemporâneas. Deve-se estender a exigência da presença da urbanidade para todas as localidades das cidades e do espaço urbano em geral; o ideal são fortes polaridades antiurbanas.
- Sendo a urbanidade um estado de um ambiente e de uma trama relacional urbana ela pode ser identificada e medida? Como medir algo tão difuso e que implica em produções humanas imprevisíveis? Há uma dimensão formal do fenômeno cujos elementos são passíveis de serem objetivados em alguma medida. E isso pode representar uma porta de entrada no interior da

¹ Subúrbios de tipo americano, campo urbanizado, por exemplo.

complexidade das relações humanas mais ou menos contempladas pela *urbanidade*. Há fatos observáveis que de início nos indicam maior ou menor potencial de interações sociais com alta ou baixa diversidade. Podemos trabalhar com indicadores, com algo que faça o papel de uma régua, uma régua complexa adequada a um objeto que está longe de ser equiparável aos objetos naturais, aos quais a identidade científica analítico-empírica está habituada. Há uma proposição clara para tal no quadro elaborado por Jacques Lévy que expõe os dois modelos extremos de urbanidade, como se fossem as extremidades referências da “régua de medir a urbanidade”. Uma extremidade ele designou como modelo “Amsterdã” e a outra como modelo “Joanesburgo”.

MODELOS PARADIGMÁTICOS DE URBANIDADE		
	<i>Amsterdã</i>	<i>Joanesburgo</i>
Densidade residencial e de atividades	+	-
Compacidade	+	-
Interacessibilidade dos lugares urbanos	+	-
Presença de espaços públicos	+	-
Importância das métricas pedestres	+	-
Copresença habitação/emprego	+	-
Diversidade de atividades	+	-
Heterogeneidade sociológica	+	-
Fortes polaridades intra-urbanas	+	-
Auto-avaliação positiva do conjunto dos lugares urbanos	+	-
Autovisibilidade/auto-identificação da sociedade urbana	+	-
Sociedade política de escala urbana	+	-

Fonte: (LÉVY, *Le tournant géographique*, p. 243).

- Os dois modelos são descrições das possibilidades existentes. Os nomes foram escolhidos por que essas cidades podem simbolizar as duas situações extremas. Giulio Carlo Argan ao ser perguntado sobre a cidade mais “saudável” responde: “A mais saudável, indubitavelmente, na Europa, é Amsterdã. As cidades holandesas [...], mas especialmente Amsterdã. A cidade tem, sem nenhuma implicação política, uma forma de controle público das zonas centrais”. Por sua vez, o modelo Joanesburgo apresenta o extremo mínimo da urbanidade, até onde essa pode declinar. Joanesburgo possui 117 anos apenas e está livre do *apartheid* desde 1994, uma forma de organização anti-cidade, que procurava evitar e selecionar as relações. Nesse modelo, nota-se o domínio da separação e da busca da homogeneidade em todos os aspectos que estruturam o espaço, que não é mais que um mosaico de bairros especializados (“periurbanos”) e sociologicamente uniformes, inclusive etnicamente: “As cidades que se aproximam desse modelo não tem simplesmente espaços públicos dignos desse nome em razão do zoneamento de funções, da separação das populações e da

apropriação das vias pelo automóvel” (LÉVY, 2003). O sul-africano Henning Rasmuss², declara que mesmo com o fim do *apartheid* a cidade vem inventando novas formas de separação que são enclaves residenciais de segurança máxima, tal como *bunkers*, e zonas comerciais de uso exclusivo e sem contato com seus arredores. Nos centros de compra e lazer existe uma cidade do Terceiro Mundo acontecendo no térreo, enquanto outra, de primeiro mundo, ocorre nos pisos superiores, protegidos da interface com a cidade.

- Em graus diversos o modelo Joanesburgo está longe de ser uma manifestação peculiar, ao contrário, é algo repetível e facilmente identificável em outras partes do mundo. Talvez, São Paulo revele, certamente de forma mais sutil, um "desejo secreto" pelo modelo Joanesburgo. Assim como, o de Amsterdã também é encontrável, mesmo que não completamente. Quer dizer: a esquematização desses dois paradigmas adquire força heurística como instrumento de observação inicial das cidades porque não há variação externa a eles e sim variações internas. O que existe são forças atuando nessas duas direções. E há uma distribuição geográfica visível desses dois modelos.
- O “encerramento” da urbanização nos países ricos teria construído tipos de urbanidade estáveis? Na verdade há movimentação interna, que modifica constantemente o “teor” da urbanidade. Pode-se chamar atenção para as manifestações do “modelo Joanesburgo”, nas áreas novas de expansão urbana, mesmo nas franjas de cidades marcadas pelo modelo Amsterdã. São situações nas quais a aglomeração contígua é renegada a favor da dispersão urbana, em nome de ideologias, como as de inspiração ecologista, da paranoia da segurança...
- Uma vantagem epistemológica desse gênero de abordagem (cidade como meio interativo, urbanidade como a realização máxima dessa interação) é a de antever a cidade como um problema, como uma questão de valor próprio, e não apenas como um repositária e vítima das oscilações e crises do modo de produção dominante. Afinal essas realidades sociais (as cidades, as metrópoles) estão mais implicadas na produção do “sistema dominante” que não paira sobre elas como uma realidade alienígena.

² Arquiteto e curador do segmento de Joanesburgo na 5ª Bienal de Arquitetura e Design de São Paulo.